

## **Idéias republicanas ou idéias revolucionárias?: A imprensa ilustrada fluminense e o ideário republicano nos anos 1870.**

Aristeu Elisandro Machado Lopes

Doutorando em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

**RESUMO:** A imprensa ilustrada fluminense do século XIX sempre esteve atenta as atividades políticas destinando a elas uma vertente considerável de suas páginas de humor. A campanha propagada pelos republicanos a partir da fundação do Partido Republicano em 1870 não passou despercebida e foi constantemente comentada. A proposta deste artigo visa ponderar como o ideário republicano apareceu nos periódicos *Semana Illustrada* e *Comédia Social* que em alguns momentos confundiam-no com idéias revolucionárias. No caso específico deste último periódico as propostas revolucionárias adquiriram outras formas e aquela dos republicanos não encontrou entre os seus responsáveis um campo fértil para se desenvolver. Assim, se pretende averiguar quais as relações entre as idéias republicanas e revolucionárias, ou apenas revolucionárias, que eram expressas nos dois periódicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa ilustrada – propaganda republicana – Brasil Império

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Em minha Tese de Doutorado em História analiso como a simbologia republicana foi adotada pelos caricaturistas que atuaram no Rio de Janeiro ao se referirem ao ideário republicano. A campanha pela mudança do regime de governo no Brasil se iniciou nos anos 1870 e apesar de ser incipiente neste período ela foi comentada pelos jornais de humor da Corte. Os periódicos selecionados para o trabalho desenvolvido na tese foram aqueles que tiveram uma vida longa e com uma circulação constante: *Semana Illustrada* (1868-1876), *O Mosquito* (1869-1877), *A Vida Fluminense* (1868-1875), *O Mequetrefe* (1875-1893), *Revista Illustrada* (1876-1898) e *Don Quixote* (1895-1903). Além desses, foi incluído também um periódico de pequena longevidade intitulado *Comédia Social* (1870-1871) que no desenvolvimento do artigo será explicado o porquê de sua inclusão. Atuaram neles uma gama variada de caricaturistas, como os italianos Angelo Agostini e Luigi Borgomainerio, o alemão Henrique Fleiuss e o português Rafael Bordallo Pinheiro. E os brasileiros: Candido Aragoes de Faria e Faria Netto.

Neste artigo apresento um dos resultados iniciais da pesquisa e desenvolvido no capítulo dois da tese ainda em construção. Nesse momento abordo dois dos periódicos

2

arrolados acima: *Semana Illustrada* e *Comédia Social*. Sobre o primeiro, analiso uma ilustração, entre várias outras, que abordou a campanha desenvolvida pelos republicanos sem se descuidar do tom humorístico do jornal. Nessa imagem, a questão republicana era confundida com outros ideais, vistos como revolucionários. Já ao que tange ao segundo jornal, verifico que apesar de apresentar um tom revolucionário já em seu programa de lançamento, seus jornalistas tinham uma outra visão, diferente daquela dos republicanos. Essas serão as temáticas desenvolvidas a seguir.

\*\*\*

Henrique Fleiuss, (1823-1882) nasceu na cidade alemã de Colônia. Em Dusseldorf cursou Belas Artes além de Ciências Naturais em Munique<sup>1</sup>. Ele chegou ao Brasil em 1858, por sugestão de Carl Von Martius (1794-1868) que passou uma temporada no norte do Brasil. Fleiuss era discípulo de Martius pela sua formação em Ciências Naturais e ao chegar ao Brasil foi para o norte produzindo aquarelas sobre as regiões visitadas. No ano seguinte se estabeleceu na Corte e fundou com o irmão Carlos Fleiuss e com o pintor Carlos Linde um estabelecimento tipolitográfico. Posteriormente a oficina foi transformada por Dom Pedro II em Imperial Instituto Artístico. Em 1860 lançou a *Semana Illustrada* que alcançou uma longevidade significativa encerrando sua circulação em 1876<sup>2</sup>.

Em seu periódico, Fleiuss angariou um número respeitável de colaboradores como os escritores Machado de Assis e Bernardo Guimarães. Além de seus próprios trabalhos litográficos o periódico contou, em diferentes épocas, com a participação dos caricaturistas H. Aranha, Aristides Seelinger, Ernesto de Sousa e Silva, conhecido pelo pseudônimo Flumen Junius e Aurélio de Figueiredo<sup>3</sup>. A historiografia sobre a imprensa ilustrada foi sempre unânime ao considerar que o motivo para o sucesso alcançado por Fleiuss com o seu periódico deveu-se a sua amizade com o Imperador Dom Pedro II. Relação que foi explicitada com a transformação do estabelecimento de Fleiuss no Imperial Instituto Artístico. Herman Lima salienta que devido a “vida palaciana” da qual o caricaturista desfrutava sua arte não evoluiu e manteve-se conservadora. Ainda, avalia que a sua vida pessoal refletiu em sua obra

<sup>1</sup> As informações sobre Henrique Fleiuss foram extraídas de LIMA, Herman. *Historia da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p.723.

<sup>2</sup> Iniciei a pesquisa neste periódico a partir de 1868, mesmo ano do início da publicação de *A Vida Fluminense*.

<sup>3</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.205-206.

3

artística e que apesar de algumas vezes direcionar sua sátira aos “homens da política conservadora, jamais lhe permitiu incorporar-se ao grupo de demolidores do trono”, grupo constituído pelos demais caricaturistas da Corte<sup>4</sup>. Já Luiz Teixeira, chama as relações entre Feiuss e Dom Pedro II de promíscuas e ambíguas “em todo caso sempre perigosas, entre intelectuais e poder público”<sup>5</sup>.

Não é objetivo neste artigo verificar se a relação de amizade entre o caricaturista e o imperador proporcionou ao primeiro uma proteção que, conseqüentemente, lhe possibilitou a manutenção do seu periódico. Contudo, essa perspectiva quando direcionada a análise das considerações dispensadas aos republicanos e aos seus símbolos veiculadas no jornal leva, num primeiro momento a seguinte indagação: se Fleiuss era amigo do Imperador, então as imagens que ele deveria publicar tinham que transmitir aos seus leitores uma visão positiva do Imperador e de seu governo. De igual maneira, as imagens dos adversários, e no caso dos republicanos, deveriam ser sempre num tom antipático e negativo. Por outro lado, também deve ser considerada na análise do conjunto de imagens sobre as atividades republicanas a natureza humorística do jornal de Fleiuss. Entendo que se pode considerar as duas observações. Em outras palavras, as imagens publicadas no periódico por ele podem ter sido úteis sim para desacreditar os republicanos, mas não se deve levar a análise somente para esse lado; ela deve ser considerada a partir da função primordial dos jornais de humor que era proporcionar o riso do leitor através de uma apresentação humorística do tema abordado, incluído entre eles as atividades republicanas. A ilustração do periódico que doravante será analisada pode ser enquadrada em ambas as perspectivas, além de ser contra os ideais republicanos, ou o que poderia ser chamado de ideais revolucionários, também foi confeccionada com humor.

A ilustração publicada na *Semana Illustrada* em 02 de maio de 1869 denota a posição favorável a Monarquia em detrimento de outra forma de governo (figura 1). Nesta imagem, dividida como uma história em quadrinhos<sup>6</sup>, o tom revolucionário foi o principal assunto; o

<sup>4</sup> LIMA, Herman. *Historia da caricatura...* p. 748. A mesma posição foi verificada em: SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996, p. 38-39.

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Funda o Casa de Rui Barbosa, 2001, p.10.

<sup>6</sup> As histórias em quadrinhos no Brasil ainda necessitam de uma pesquisa abrangente, em especial, uma pesquisa voltada aos quadrinhos veiculados nos periódicos do século XIX. Entendo que antes da oficializa o de *Yellow Kid* de Richard F. Outcault como a primeira história em quadrinhos moderna, o que ocorreu em 1896, houve outras, certamente menos significativas mas que podem ser consideradas como   o caso de *As aventuras de Nh -Quim* e *As aventuras de Zé Caipora* concebidas e publicadas por Angelo Agostini nos periódicos da Corte, sendo

4

caricaturista habilmente utilizou recursos de humor para satirizar a “Revolução”. Não empregou uma alegoria feminina e sim optou por colocar apenas a “idéia revolucionária” na ilustração enquanto a figura feminina que aparece nos desenhos estava mais próxima de uma “mulher real”, uma esposa, dona de casa. Nos dois primeiros quadros apresenta um casal; o marido certamente é um homem que simpatiza com a “revolução” pois está se preparando para ir ao seu encontro.



Figura 1: A Revolução e seus efeitos

Legendas: 1. Ela – Onde vai você?/Ele – Vou à revolução./2. Ela – Ora, espera que eu te dou revolução! Toma revolução!/ 3. A revolução está nas ruas./ 4. A revolução esta na cadeia.

Fonte: *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, n .438, p.3500, 02 maio 1869. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP

Sua esposa, ao contrário, parece não gostar de saber o motivo pelo qual o marido se arrumava para ir à rua, eis o diálogo:

---

A *Vida Fluminense* o primeiro periódico a receber em 1869 *As Aventuras de Nhô-Quim*. Além dessas, que tiveram uma publicação longa, há nas páginas dos jornais do século XIX várias outras, se assim posso denominar, HQ's distribuídas por uma ou duas páginas quadrinizadas como a acima analisada. Ver sobre as HQ's brasileiras no contexto aqui abordado: TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto...*, p. 7-9; Ver ainda a edição fac-similar das histórias publicada em: CARDOSO, Athos Eicher (Org.). *As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora. Os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

1. Ela – Onde vai você?  
Ele – Vou à revolução.
2. Ela – Ora, espera que eu te dou revolução! Toma revolução!

Contudo, ele vai para as ruas e acaba preso como é demonstrado na seqüência nos dois últimos quadros que ressaltam que a “Revolução está na rua” e que “A revolução está na cadeia”. A mensagem de Fleiuss nesta ilustração aborda tanto a temática do humor ao colocar o marido apanhando de sua esposa por querer ir à revolução como também mostra os seus efeitos, a prisão. Ao abordar que os “revolucionários” acabavam na cadeia o caricaturista direciona a uma visão de homens baderneiros que incomodavam a ordem pública nas ruas, pois é nesta que as revoluções aconteciam. Parece que ele dirigia a sua mensagem as suas leitoras, como um aviso; ou seja: as leitoras deveriam segurar seus maridos em casa, caso contrário, teriam que ir buscá-los na cadeia! Todas as personagens são anônimas, contudo depreende-se que o homem possuía um certo status social o que pode ser visto por suas vestes e por sua cartola. Fleiuss, apesar de uma crítica clara aos “revolucionários”, acaba revelando na ilustração que eles não eram um bando de arruaceiros sem noção do que estavam fazendo. O homem de cartola pode ser um jornalista, um advogado ou então um político simpatizante das idéias republicanas “revolucionárias”. Essas profissões estavam entre os membros que um cerca de um ano depois, fundariam o Partido Republicano no Rio de Janeiro. Concomitante, veicularam já em 1870 o jornal *República* com o Manifesto Republicano. Entre os signatários estavam, entre outros, Aristides da Silveira Lobo, Pedro Antonio Ferreira Viana, Lafayette Rodrigues Pereira Francisco Rangel Pestana e Quintino Bocaiúva<sup>7</sup>.

A *Comédia Social*, também abordou em suas páginas o que entendia por “idéias revolucionárias”. O periódico teve uma circulação pequena entre os anos de 1870 e 1871 totalizando 78 números. O periódico foi uma iniciativa de Pedro Américo<sup>8</sup> (1843-1905) que contou com a colaboração do irmão Aurélio de Figueiredo (1854-1916) e de Décio Villares (1851-1931).

---

<sup>7</sup> BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p.45.

<sup>8</sup> Pedro Américo era pintor e ficou conhecido pela autoria de telas famosas como, entre outras, *Independência ou Morte*, *A primeira missa no Brasil*, *Batalha do Avaí*, *Carioca* e *Grito do Ipiranga*. Sobre a atuação de Pedro Américo como caricaturista conferir: COTRIM, Álvaro. *Pedro Américo e a caricatura*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.

6

Apesar de ter circulado por pouco tempo ele foi incluído na pesquisa devido as considerações abordadas no programa de estréia dirigido aos leitores e mantido no cabeçalho do periódico por quase todo o período em que circulou. Ainda foi considerado em vista das posições apregoadas aos republicanos. Seu programa apresentava as finalidades pelas quais o periódico era lançado e as causas que iria debater:

Programa: A *Comedia Social* tem por fim a educação do povo e sua regeneração física, intelectual e moral; reivindica seus direitos e interesses legítimos até hoje desatendidos e habilitá-lo por uma transição lenta e pacífica a governar-se a si mesmo e fazer do Brasil uma nação grande e respeitada. O meio que emprega é a caricatura é a crítica satírica dos vícios e abusos que corroem a nossa sociedade da corrupção, da descrença, da intriga, da mentira, da indolência, da ignorância e do charlatanismo. Na luta externa do bem e do mal é um humilde, porém fervoroso apóstolo do bem. (*Comédia Social*, 03/02/1870)

Com este programa é possível considerar que o periódico lutava por uma causa revolucionária uma vez que pretendia “uma transição lenta e pacífica” a qual seria realizada com um governo que transformaria o Brasil numa “nação grande e respeitada”. O programa adiantava que o periódico não iria poupar os problemas da sociedade brasileira em suas críticas satíricas já que a caricatura seria o meio de regeneração empregado para tentar construir esse modelo de nação. Num primeiro momento a leitura do programa poderia direcionar a uma interpretação de que os responsáveis pelo jornal tinham uma simpatia pelos ideais republicanos, contudo na seqüência dos números essa posição se dissipou e a análise direcionou para uma outra avaliação do que era para eles “ideais revolucionários”.

Num artigo publicado em 12 de dezembro de 1870, um dos colaboradores do periódico explanava suas considerações sobre os partidos políticos existentes, apresentando cinco deles: Conservador velho, Conservador novo, Liberal, Radical e Republicano. Conforme o articulista cada um desses partidos era composto por “um homem só, que forma o partido de si mesmo e tem por programa a sua individualidade adiante de todas as outras. O resultado disso é uma torre de Babel, em que muitos deles se entendem, mas o país não os entende.” A crítica era direcionada a todos os partidos políticos, inclusive o recém fundado Partido Republicano, que contaria entre seus membros com políticos oriundos dos demais partidos. As críticas diretas aos republicanos foram realizadas num outro artigo publicado em 02 de março de 1871. O texto adiantava que o periódico não era infenso as doutrinas republicanas e que uma República com boas leis e bem executadas poderia “promover a

7

prosperidade de uma nação e proporcionar ao povo uma grande soma de ventura e liberdade”. Contudo, o texto toma uma outra direção afirmando que um governo republicano pode ser tão intolerante e tirânico como um governo monárquico. O ponto que ampara essa premissa foi construído com uma crítica em cima das palavras “república” e “liberdade” e o fato de elas serem consideradas como sinônimas.

Vale lembrar que a França estava novamente neste momento sob um regime republicano instalado após o fim da Guerra Franco-Prussiana e da prisão do Imperador Napoleão III. A *Comédia Social* comenta criticamente um decreto do Governo Provisório da III República que regulamentava quem poderia ser eleito à Assembléia Nacional excluindo as possibilidades de todos aqueles que participaram do regime monárquico. Na visão do colaborador do periódico ficava claro que agindo dessa maneira a República Francesa não poderia ser considerada como um governo da liberdade: “Esses apóstolos da liberdade, esses amigos do povo, esses eloqüentes denunciadores da tirania, estreitam o poder condenando ao ostracismo grande parte de seus concidadãos!” A crítica era direcionada aos republicanos franceses, no entanto ela serviu para amparar uma posição avessa também aos republicanos brasileiros: “Brasileiros, não vos deixei enganar por palavras ocas e bombásticas! Temos uma constituição sábia e liberal, o que nos falta é fazê-la respeitar. Apregoar, nestas circunstâncias, a república como panacéia dos nossos problemas é desconhecer a origem destes”. Provavelmente o julgamento realizado pelo jornal era direcionado a campanha republicana que se principiava no Rio de Janeiro, considerando que seus divulgadores tentavam enganar a população com um palavreado vazio. Por outro lado isso não direciona o periódico como simpático da Monarquia; apesar de afiançar a constituição de sábia e liberal, considera que ela não estava sendo respeitada. Em outras palavras, a crítica também redargüia os monarquistas visto que quem governava era o Imperador Dom Pedro II mas sempre com um representante, ou liberal ou conservador, no cargo de Presidente do Conselho de Ministros.

O tom crítico deste artigo foi construído com base nas palavras Liberdade e República que apareciam constantemente assimiladas entre os defensores da causa republicana. A Liberdade é parte da tríade composta pela Fraternidade e a Igualdade difundida como os ideais pretendidos pela Revolução Francesa<sup>9</sup>. No periódico toda essa construção era desfeita para desacreditar as intenções republicanas no Brasil; além do texto acima que tomou o ideal

---

<sup>9</sup> Sobre a simbologia republicana ver: AGULHON, Maurice. *Marianne au combat. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1789 à 1880*. Paris: Flammarion, 1979.

8

de Liberdade, uma pequena crônica definia o que significava aos republicanos a Igualdade e a Fraternidade.

A crônica intitulada “Dois jovens republicanos” narra o encontro casual na rua dos amigos, Silvino e Anselmo. “Eram ambos republicanos e conversaram alguns minutos, lamentando as misérias e horrores da monarquia constitucional e jurando que só na República pode haver Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Comédia Social*, 05/01/1871).

Na seqüência Anselmo perguntou a Silvino de que lugar ele vinha com aquele aspecto carrancudo, respondeu este que retornava da Casa de Correção “onde fiz recolher o meu mulato André, que há de experimentar o gosto que dá o ferro ao pescoço”. Diante da explicação o amigo pergunta qual o motivo que o levou a proceder dessa forma. Na resposta Silvino afiança que o “patife saiu a passeio ontem com minha sobre casaca”. Diante do explicado Anselmo optou por “guardar silêncio”.

Mudando o assunto Silvino pergunta a Anselmo se ele irá ao Lírico naquela noite. O amigo responde que ainda não sabe, pois estava “com esperanças de um *rendez-vous*”. Silvino questiona o amigo sobre quem é a “bela ameaçada” e ele atesta tratar-se de Maricota que “apesar de pobre é honesta... donzela recolhida e de excelente reputação”. Tais qualidades, confessa Anselmo, deixam-no ainda mais apaixonado. Então, pressupõe Silvino, que o amigo pretende se casar com a moça; Anselmo responde: “Casar-me? Que parvoíce! Eu casar-me com a filha de um torneiro!!!” O autor da pequena história finaliza com a seguinte consideração: “Eis ai como os dois jovens entendiam a *Igualdade* e a *Fraternidade*” (Grifos no original).

A crônica permite algumas interpretações sobre o que os responsáveis pela *Comédia Social* direcionavam aos republicanos e a sua campanha. Num primeiro momento, o texto demonstra que os adeptos da causa republicana eram jovens e de famílias que detinham determinado poder aquisitivo, pois Silvino era dono de um escravo. A sátira maior é encontrada na contradição existente nos textos do diálogo. O momento do encontro dos dois amigos no início do texto mostra os dois jovens preocupados com as mazelas da Monarquia, considerando que seu término somente ocorreria com a República. No seguimento da conversa ambos acabam revelando que constituem parte das mazelas sociais que no momento anterior criticavam. Um deles, Silvino, manda prender o seu escravo por este ter usado uma peça de seu vestuário sem sua permissão enquanto o outro, Anselmo, apenas quer se divertir com uma moça e não pretende casar com ela por que é pobre. O caso do primeiro revela que o

9

ideal de Liberdade pretendido pelos republicanos encontrava um entrave na questão da escravidão da qual os próprios republicanos tomavam parte. O segundo caso caracteriza as atitudes de Anselmo pela falta de fraternidade, visto que a moça foi enquadrada numa posição de desigualdade social. O fim do diálogo dos dois jovens republicanos revela a contradição entre o que era pretendido teoricamente com a campanha republicana e o que ocorria na prática cotidiana de seus adeptos. A posição satírica e corrosiva da *Comédia Social* em relação aos republicanos permite considerar que os posicionamentos defendidos no programa do jornal, que passam uma idéia revolucionária à sociedade brasileira, não ocorreriam a partir da campanha republicana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ilustração da *Semana* abordou a “revolução” sem especificar a que ou a quem se referia, contudo, há possibilidade de ser uma referência aos republicanos. No caso deste periódico e de seu caricaturista, Henrique Fleiuss, é possível considerar que a imagem possui um tom combativo passando uma visão negativa dos ideais republicanos. Na história em quadrinhos o simpatizante republicano foi considerado como um revolucionário que, devido ao desempenho de suas ações, acabou na cadeia. Em a *Comédia Social* aconteceu uma circunstância diferente daquela vista na *Semana*; neste a idéia de revolução foi outra, não constituiu somente uma sátira aos republicanos, a idéia republicana não era a solução para o Brasil na sua visão. O último número do periódico veiculou um artigo de despedida que esclareceu o que eles pretenderam com a veiculação da folha. A premissa que o jornal defendia era: “todos devem se interessar pelos negócios do país, e que a direção da nossa política não deve ser entregue a uma só classe com exclusão de todas as outras”. (*Comédia Social*, 27/07/1871) Assim, os ideais revolucionários do jornal não eram confundidos com os ideais republicanos o que eles pretendiam era uma regeneração da política atual através de mudanças significativas em sua estrutura. Neste artigo foi trabalhada apenas uma imagem da *Semana Illustrada* e que faz parte de um conjunto maior de ilustrações publicadas na imprensa ilustrada fluminense que versaram sobre a temática republicana. Até o encerramento deste periódico, ocorrido em 1876, a campanha republicana, embora tímida em seus anos iniciais, foi um dos assuntos abordados nos jornais servindo aos caricaturistas como inspiração à suas produções artísticas que versavam sobre a política brasileira do século XIX.

## **FONTES**

*Semana Illustrada* (1868-1876)

Pesquisa: Real Gabinete Português de Leitura-RJ; Biblioteca Nacional-RJ.

Reprodução da ilustração: Arquivo Edgard Leuenrouth/UNICAMP – Campinas-SP.

*Comédia Social* (1870-1871)

Pesquisa: Real Gabinete Português de Leitura-RJ.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGULHON, Maurice. *Marianne au combat. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1789 à 1880*. Paris: Flammarion, 1979.

BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CARDOSO, Athos Eicher (Org.). *As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora. Os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

COTRIM, Álvaro. *Pedro Américo e a caricatura*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1983.

LIMA, Herman. *Historia da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.